

## **1º Domingo depois do Natal**

### **1ª leitura (Antigo Testamento)- Isaías 61:10 - 62:3**

Esta leitura se mantém dentro da temática utópica (sonhadora - idealista) do Trito-Isaías (capítulos 56-66) que já foi comentada nos domingos primeiro e terceiro do Advento e no Natal. O fim do capítulo 61, versículos 10 e 11, é uma exultação de alegria que nasce da vocação do Messias sobre o qual repousou o Espírito do SENHOR (61:1) e cuja ação histórica e política levaria libertação para pessoas pobres e exiladas na babilônia cujos corações foram quebrados pela dor do afastamento (61:2-3). No final do capítulo 61 celebra-se a esperança consumada. A libertação era, pelo menos em parte, real e palpável. Esta alegria da libertação fez com que todo o povo se sentisse coberto de justiça, amado como uma noiva no dia do casamento! (61:10b). O povo, agora libertado dos seus opressores, olhava para a terra que o esperava e sentia-se como a própria terra, preparada pelo SENHOR para colocar nela a semente da justiça! (61:11).

Os primeiros versículos do capítulo 62 levam de novo para a realidade, mantendo essa utopia "pé-no-chão" que caracteriza o Trito-Isaías. Mesmo havendo sido libertado, se sentindo unido a Deus com laços de amor eterno, o povo do SENHOR ainda estava dividido entre os que não foram para o exílio por serem pobres (que nesses anos tinham prosperado) e os que foram exilados (que tendo sido a elite de Jerusalém voltavam empobrecidos). No exílio também adquiriram fortemente a consciência de mundo (que é o começo do processo de universalização (catolicidade) da fé, João 1:9-10). O povo do SENHOR vivia rodeado de nações poderosas que o subjugavam através da guerra e dos tributos e que precisavam compreender o que é justiça divina (62:2). Portanto esse amor do SENHOR só se manteria acessível e brilhante se a voz da justiça não se calasse (62:1a). Na hora que o povo esquecesse da justiça, que tanto pediu quando era escravo, se apagaria a chama do amor e não seria mais instrumento do SENHOR perante as nações (62:1b). Assim o feliz casamento resultaria num novo divórcio e separação.

A profecia da comunidade do Trito-Isaías, mesmo vivendo a euforia de ser testemunhas dos atos libertadores de Deus na sua história, não esquece que o sentido dos atos divinos é sempre educativo (Gálatas 3:24). A lição do exílio, transformada em casamento (aliança) entre Deus e seu povo, devia ser aprendida e difundida através da prática cotidiana da justiça. (HMG)

### **2ª leitura (Epístola): Gálatas 3.25-28; 4.4-7.**

As pessoas vivem, agora, sob um novo tempo, novo regime e têm uma nova identidade, uma nova forma de relacionamento com Deus e uns com os outros, disse Paulo aos Gálatas. Qual é a diferença? Antes que a fé viesse, diz Paulo, estávamos sob o confinamento da tutela, da vigilância da lei. Aqui, a palavra aio enquanto metáfora da lei, em grego é paidagogo – não é educador – mas escravo para vigiar a disciplina das crianças em casa. A lei tem várias conotações nos escritos do apóstolo, e entre elas está o lado opressivo e confinante da lei.

Vs. 23ss. – Vindo a fé... para essa fé que, de futuro, haveria de revelar-se. Aqui há uso de vinda, de entrada de fora para dentro e revelação apocalíptica no sentido de entrada da revelação, não de alguma coisa que já estava aí e o véu retirado, mas da entrada de Deus. Isso se encaixa, também, com o envio do Filho em 4.4. O que se quer dizer com isso é que a fé, a relação de confiança com Deus e uns com os outros não vem da Lei que veio muito depois do reconhecimento da confiança de Abraão em Deus e a Promessa divina para a sua descendência.

4.4ss – Chegando o momento decisivo de reviravolta com o envio do Filho, o tempo de confinamento sob a tutela da lei, (paidagogo acima) chegou ao fim. Inicia-se o tempo da fé, cumpre-se a promessa feita a Abraão. É o tempo de viver e conviver com Deus e uns com os outros na liberdade de filhos e filhas, irmãs e irmãos. Essa é a vida de fé que se expressa por meio do amor (5.6), a nova criação (6.15).

Com a entrada da fé no mundo não há mais diferenças excludentes, ninguém está mais debaixo do poder conflituoso da exclusão – pares conflituosos: circunciso e incircunciso, escravo e livre, homem e mulher. Essa é a fé em Jesus Cristo, mas é importante observar que a fé em Jesus Cristo em 2.16, 2.20 e 3.22 é a fé **de** Jesus Cristo, (no grego). A fé não é o que a gente faz, mas é a confiança, fidelidade com que Ele “me amou e se entregou por mim”, (2.20). Esse Cristo é que vive em mim. Dito isso, confiamos nesse Cristo – cuja fé nos precede e cria a nossa fé - vivemos a vida, que se expressa pelo amor e tem a dimensão comunal e social. Então, a fé que entrou e se revelou equivale, de certo modo, à nova aliança, vida no Espírito Santo, (ver Ez 36.26-27; Jr 31.31-34) e antecipação da nova criação, novo tempo. (Muito do que foi dito aqui vem de *Galatians*, de J.L. Martyn). (ST)

## **Santo Evangelho – João 1, 1-18**

O nascimento de Jesus é exaltado com os sentimentos que lemos no texto de Isaías. É o encantamento e a alegria de quem se sente no dia do próprio casamento. Na epístola, o Apóstolo nos revela que a grande novidade é que, em Jesus, se torna possível sentir-se livre, igual às demais pessoas, como filho ou filha na casa e não como estranho ou escravo.

O que é que explica isso, quando a realidade aparente da vida revela o contrário? O mais freqüente é o difícil jogo superioridade-inferioridade, autoritarismo e submissão, o sentimento constante de insatisfação e até de angústia, de quem não se sente à vontade, pois a vida não parece ser de fato algo que nos pertença totalmente. O que é que explica que, apesar de tudo, podemos ter essa tão grande alegria mencionada pelo profeta? Como concordar com o que nos diz São Paulo, se a vida na sociedade e até na Igreja é tão diferente?

O texto do Evangelho nos fala de um mistério inaudito, experiência só alcançável pela fé. Só acolhe essa revelação “quem nasce de Deus” (v12-13), e por isso teve a visão transformada para ser capaz de “ver o invisível” (Hb 11, 27); escutar, vindo da fragilidade da “carne”, o som recriador da Palavra (v14; Ez 37). Só essa experiência nos convence de que é possível já agora “contemplar a glória no amor e na fidelidade” (v14). É só quando experimentamos o amor que nos convencemos de que o amor é possível. Há

como um sentimento de plenitude (v16). E isso torna possível uma transformação antropológica: vamos vencendo o jeito de viver, baseado na rigidez da cobrança e na auto-satisfação de cumprir a lei, por outra perspectiva de vida, fundada na fidelidade e na generosidade do amor (v17).

Essa experiência, que se dá primeiramente nas relações interpessoais, vai-nos abrindo a uma nova maneira de viver e de ver o mundo. Vamos percebendo – e nos convencendo – que aquilo que se revela em Jesus e, mesmo imperfeitamente, vai sendo experimentado nas relações entre pessoas, na verdade, diz respeito a toda a sociedade e a todo o universo. O dinamismo de generosidade, de fidelidade, de luz, manifestado em Jesus, é, na verdade, a energia que está na raiz de toda a realidade: a Palavra que nos ilumina é a mesma que clareia a realidade inteira. Em Jesus temos a chave que nos abre o segredo da vida como tal, é a luz que nos deixa enxergar o sentido de todo o universo (v4-9). N'Ele tudo acha sua consistência (v3). Para dizer isso, o evangelista nos fala de Jesus aludindo às categorias com que o Primeiro Testamento descreve a Sabedoria de Deus (Pr 8, 22-31; Jó 28; Sb 7, 22-8, 9).

Essa caminhada, e as descobertas que dela vão brotando, tornam possível perceber algo ainda mais profundo. Vai-se fortalecendo em nós a certeza íntima de que a raiz da realidade é Deus e nós estamos misteriosamente imersos nesse mistério (v1-4). Vamos adivinhando em nossa própria carne o que quer dizer “encarnação” (v14). “Se o Verbo se fez carne, isso é sinal de que a carne é verbo”. Isto é, vamos sentindo que, para além de toda realidade aparente, há uma dimensão invisível, transcendente, ainda mais real do que tudo que parece real (v18). Vamo-nos fixando no essencial e tudo o mais vai sendo visto como relativo. Ou seja, concretamente, o valor d vida vai sendo sentido nas relações de amor, de generosidade, de abertura, de partilha, nisso se experimenta a plenitude (v16). Exclui-se qualquer atalho de alienação religiosa: o caminho para o divino se encontra na vida humana, divinamente quer dizer amorosamente...

Na construção do texto, percebem-se dois eixos teológicos. Jesus de Nazaré é uma realidade humana, histórica, “carnal”. Não se trata de “máscara” humana do divino, mera “aparência”. Ele é Deus “feito” homem (Fl 2, 6-8). Pois bem, o que acontece com esse ser humano diz respeito a toda a criação. É evidente a intenção do texto de chamar nossa atenção para o primeiro capítulo de Gênesis: “No Princípio”. Além disso, n'Ele a expressão mais plena de Deus (Cl 1, 15; Hb 1, 3) “arma sua tenda no meio de nós”. O verbo traduzido por “habitou” significa “armou a tenda”, aludindo, assim, à tradição de Deus que caminha com seu povo através dos desertos da vida. Na vida de Jesus, toda movida pelo amor, revela-se o divino no centro da vida humana: Ele é o Emanuel, Deus-conosco (Is 7, 10-17; Mt 1, 23). (SAGS)